



A tomada da Palestina: um projeto colonial contemporâneo

Diálogo realizado no marco do I Ciclo de Conferências da Revista TEKOA, no dia 01 de setembro de 2021

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RSFrchwTwjU>

Transcrição: Ana Laura Velasco Ugalde - Internacional Feminista

Revisão: Edson Dos Santos Jr. - Universidade Federal do Rio de Janeiro



Ualid Rabah (palestrante)

Presidente da Federação Árabe Palestina do Brasil (FEPAL)

<http://fepal.com.br/contato/>

Isadora Staduto (moderadora)

Universidade Federal da Integração Latino-americana, Brasil

isadorastaduto@gmail.com

Isadora Staduto (IS): E bem, como é importante a gente se localizar, além de estudante da UNILA, eu venho aqui como parte da diáspora, sou neta da Palestina. Então, Ualid seja muito bem-vindo. Se quiser se apresentar um pouco mais, falar um pouco da Federação também para nosso público, seja muito bem-vindo.

Ualid Rabah (UR): Obrigado pela oportunidade. Eu quero louvar a UNILA como uma grande iniciativa de instituição de ensino continental, como a todos aqueles que em primeiro lugar, todos aqueles que bancaram essa ideia. O Brasil foi muito pioneiro nisso e todos os que tomam parte desse projeto como docentes, discentes, técnico-administrativos, pessoal de apoio... pessoal que tem convênios, acordos de cooperação com a UNILA. Todas essas pessoas precisam ser louvadas porque esse é um projeto único nesse continente e que precisa ser preservado e melhorado. Vocês estão cumprindo esse papel. Isadora, muito obrigado pela possibilidade, obrigado ao Edson que me fez o convite, e obrigado ao professor Mamadou, que é uma figura muito importante desse processo formativo, que está conosco, também ao Matías que está aqui dando assistência. Estou muito feliz de estar com vocês.

E a FEPAL [Federação Árabe Palestina do Brasil], a entidade que eu presido hoje, ela representa a comunidade árabe-palestino-brasileira que deve contar, a nossa opinião, com mais ou menos 80 membros entre imigrantes e descendentes. Os primeiros descendentes, os primeiros palestinos que chegam ao Brasil massivamente, aquilo que a gente considera imigração massiva, no final dos 1800, mais ou menos a partir de 1893 para frente, ainda durante o império Otomano, e está fixada mais no Nordeste, basicamente na região de Belém e quase que majoritariamente é uma migração Palestina de fé cristã.



O restante está mais concentrado no sul, um pouco no Sudeste e o resto espalhado pelo Brasil. O Rio Grande do Sul é o estado que a gente acredita é um lugar que possa ter de quarenta a cinquenta por cento da concentração da imigração. A família da Isadora acho que é de lá, né? Se fixou por lá, Rio Grande do Sul, e a FEPAL representa essa diáspora. Do ponto de vista institucional ela está sob o guarda-chuva da OLP, uma entidade de massa na diáspora, a Organização para a Libertação da Palestina, e seu segundo guarda-chuva, que é a COPLAC, que é a Confederação Palestina Latino-americana e do Caribe. Essas instituições todas foram organizadas no final dos anos 70 e 80.

Evidentemente que havia organizações palestinas antes disso, organizações de base, uma sociedade aqui, sociedade ali, mas essas organizações gerais e guarda-chuvas foram criadas no final dos 70 e início dos 80. A FEPAL surge a partir de uma ideia de uma reunião havida em Brasília em 1979, exatamente o ano em que passa haver relações diplomáticas, políticas, entre o Brasil e a OLP, e com o primeiro escritório da OLP no Brasil, dando sequência a uma normalização do Brasil com ao movimento político palestino de 75. Em 80 é feito o primeiro congresso. Nós estamos agora no décimo congresso, e o 10º congresso foi realizado em Porto Alegre, exatamente o lugar onde foi realizado o primeiro, 40 anos antes. Nós realizamos esse 10º congresso no final de abril e ele elegeu essa atual direção, que eu presido, para quatro anos de gestão.

Atualmente, e aqui eu resumo e finalizo, atualmente a FEPAL tem 16 membros, treze da direção propriamente, em coletivos, e ajudam nas secretarias, então a secretaria de comunicação, por exemplo, têm um coletivo de comunicação convidado a colaborar, e assim vai. Três pessoas integram o Conselho Fiscal: considerado o conselho fiscal e direção, essa direção da FEPAL têm inéditos quarenta por cento de mulheres entre seus integrantes, isso é muito importante. Têm juventude integrada. E no Congresso nós tivemos perto de trinta por cento da presença de mulheres, no maior congresso da nossa história, com 137 delegados e delegadas, perto de 40 observadores e observadoras, e, salvo melhor juízo, entre 15 e 16 convidados especiais. Uma abertura com mais de 600 pessoas e é disso tudo que resulta esta FEPAL, e é isso que me traz aqui, é isso que me orgulha presidir, mais ainda me orgulha protagonizar esse papel de lutar para “palestinizar” os palestinos, e veicular a causa nacional palestina no Brasil.

IS: Obrigado. Só avisar ao público que a gente está de olho no chat, então se quiserem mandar comentários e perguntas, a gente, eu passarei aqui.

Bem, eu acho que é interessante a gente comentar que maio de 2021 foi um ano muito importante para a causa palestina, né? Triste desde os ataques massivos que Gaza principalmente sofreu, mas também eu compreendi e perguntar ao Ualid se ele também entendeu como um período importante para a massificação e para divulgação da causa Palestina, a partir de diversos atos mundiais em solidariedade que começou com o despejo do bairro palestino em Jerusalém, Jarrah, certamente vai saber dizer melhor. Então, eu gostaria que você comentasse um pouco como você entende esse aumento da solidariedade, por que você acha que chegamos aqui e se você vê isso também como um pouco de esperança para o povo palestino.

UR: Então, Isadora, Sheikh Jarrah é o bairro ao qual você se refere, ele tem uma história emblemática e nos permite falar exatamente do tema desse nosso debate, que é esse produto



colonial contemporâneo, eu também chamo ele de projeto colonial tardio ou sionista na Palestina. Mas indo direto à tua pergunta, depois da gente faz uma pequena digressãozinha; de um certo modo, o apoio à Palestina, à causa palestina, o apoio popular daquilo que se chama opinião pública mundial, né, ele oscila... Ele oscila, mas ele vem crescendo, de aí ele tem um rebaixamento, mas ele volta mais forte. Então, esse processo de acúmulo, ele tem já um bom tempo. Eu diria, eu diria, que nessa fase mais moderna de uma continuidade ininterrupta, apesar dos baixos e depois recuperação, ela vem de 82. Pode remontar-se a 67, mas eu não diria que esteja remontada a 67. Está fixado, para mim, no meu modesto juízo, em 82. [Em] 82 nós temos a invasão massiva no Líbano, ou seja, as forças israelenses que ocupavam Líbano, na faixa sul até o rio Litani, resolvem, em 82, promover uma ocupação mais vasta, e uma destruição mais vasta de todo Líbano, especialmente cercando Beirute, para desalojar dali a OLP, as forças guerrilheiras da OLP. Isso integrava o projeto de Israel naquele momento, de retirar a capacidade bélica, da resistência armada palestina de todo o entorno da Palestina histórica. Isso já havia acontecido no início dos 70, na Jordânia, que eventos que são chamados, e eu designo ele de outra maneira, por razões óbvias, chamadas de “Setembro Negro”, eu chamo de Setembro Sangrento, isso tudo levou a uma acomodação, a um grande acordo no seio da Liga Árabe, porque as forças da OLP ficaram estacionados no Líbano.

Então Israel tem um projeto vasto de destruição da identidade Palestina, e precisava destruir a resistência também e começa em 82. Em 82, e este é o marco fundamental, nós conhecemos a brutalidade israelense nos massacres dos campos de refugiados de Sabra e Shatila que foram cercados, invadidos, depois da retirada das forças da OLP do Líbano, vejam a covardia, então depois da retirada daquelas forças guerrilheiras que protegiam os civis e refugiados palestinos, eles ingressam e promovem uma barbárie entre os 16, 17, e 18 de Setembro de 82, de quase, ou mais na verdade segundo alguns números, 3 mil mortos. Não havia resistência armada mais nos campos de refugiados, portanto eram civis desarmados, desamparados, basicamente homens, mulheres e velhos, basicamente mulheres, crianças e velhos, até porque a população armada palestina que poderia aguentar não estava mais ali. Ela sai, vai com Arafat em vários navios e fica sediado a partir daquele momento na Tunísia.

Nesse momento, nesse momento, as fotos desta brutalidade: mulheres grávidas que tiveram seu ventre aberto, as crianças, os fetos decapitados, homens e mulheres mortos, todos juntos e com as crianças e família machadadas no seu quarto. Tudo isso foi fotografado, isso ocupou as páginas dos jornais das revistas do mundo todo, a Life na época, e tudo mais. Este foi o grande momento de desautorização moral de Israel e de percepção global desta brutalidade.

Eu poderia te dizer que depois houve um outro marco... Eu estou trabalhando com grandes marcos, porque acho que fica mais fácil... A primeira Intifada de 87, quando a juventude palestina, a partir de dezembro 87, a partir de Gaza, após uma ação, interpretada como proposital, de membros da ocupação israelense, em Gaza, atropelam palestinos que estavam em um ponto de ônibus esperando o ônibus e a ali detona a primeira Intifada. Essa primeira Intifada, que foi a Revolução das Pedras, é protagonizada por jovens, portanto desarmados, só com pedras, pararam a Palestina até 91.

Então, são anos de rebelião popular, basicamente de jovens, desarmada, civil, não-violenta, apenas resistindo com pedras. E ali o exército israelense reprime com uma brutalidade, ainda



não conhecida mesmo em projetos coloniais, todos os projetos coloniais foram brutais e violentos e assassinos e genocidas. Mas não se havia visto ainda, seja porque não existiam TV anteriores, seja porque não se conhecia tal brutalidade, ao ponto de, por exemplo, os soldados israelenses da ocupação terem ordem expressa, naquela época da Yitzhak Rabin, que depois veio assinar os acordos de Oslo, vejam a ironia, ele era general e nesse momento era primeiro-ministro... Não era primeiro-ministro ainda, era general apenas, ter sido apelidado de o “Quebra-Ossos”, por que “Quebra-Ossos”? Porque a ordem era que as crianças e jovens palestinos que atirassem pedras, fossem necessariamente capturados e fraturado o braço com uma pedra, de preferência a mesma pedra que ele atirou, exatamente o braço da mão que lançou a pedra. Isso foi filmado, isso foi fotografado, isso apareceu para o mundo.

Houve outros momentos, mas tem um especialmente, já nos anos 2000, início, quando o [Ariel] Sharon começa a promover as provocações e chega ao poder logo em seguida e destrói praticamente a infraestrutura de toda a Palestina e começa a destruir os acordos de Oslo de 93, implementados a partir de 96, e cerca o Yasser Arafat na Mukata, a sede da ocupação Palestina, em Gaza, na Cisjordânia em Ramallah, nesse momento; e nesse momento, também, há uma grande solidariedade internacional, inclusive pela libertação do Arafat. Arafat sai dali, já doente por envenenamento, e uma conspiração que envolve Israel e alguns outros agentes, alguns deles exilados e com mandados de busca e prisão determinados pela Palestina, solicitados à Interpol, um deles refugiado até hoje, conspirando na Palestina, refugiado nos Emirados Árabes Unidos, e tentando interferir no serviço de segurança palestina, inclusive.

E depois nós temos outros dois momentos fundamentais que eu considero. A brutalidade dos ataques a Gaza, já cercada de dezembro de 2008 a janeiro de 2009, e todos devem lembrar, e depois uma sanguinolência tão grave, na verdade até pior que da 2008-2009, a Gaza novamente, em 2014, e agora este grande momento.

E esse grande momento teve algumas coisas muito diferentes de todas as demais. Foi uma rebelião popular, novamente com forte presença de jovens palestinos, desarmada, desarmada, pacífica, ela era, ela era de manifestantes e eles foram provocados a manifestar, claro que a totalização da ocupação levou a isso. Mas eles foram provocados, primeiro, com o impedimento da vacinação e do tratamento aos palestinos pelas unidades de saúde, aos palestinos afetados pela COVID em Jerusalém, um. Dois, no início do Ramadã sagrado, o fechamento proposital, desnecessário, e absolutamente artificial, pela ocupação israelense, do portão de Damasco que dá acesso à Esplanada das Mesquitas, às sextas-feiras. Veja só que o mês sagrado do Ramadã, de um bilhão e meio ou mais de muçulmanos no mundo todo, cercado, é trancado. No dia dois de abril os palestinos cristãos foram impedidos de chegar ao Santo Sepulcro para comemorar, da tradição Pascal Ortodoxa, o Fogo Sagrado, foram impedidos de continuar baixando, foram agredidos e foram impedidos de acessar a igreja do Santo Sepulcro, a igreja mais Sagrada do mundo, onde está enterrado nosso senhor Jesus Cristo, o palestino Jesus Cristo. Impediram, também, que no processo de eleições palestinas houvesse eleições pela primeira vez, impediram hermeticamente, eleições em Jerusalém.

Não haver eleições em Jerusalém significa que os palestinos abrirem mão da soberania de Jerusalém e aceitaram, tacitamente, a soberania da ocupação. E finalmente Sheikh Jarrah e [...] que na verdade são um conjunto de operações israelenses, continuadas, desde antes de Israel existir, desde dezembro de 47, de continuada limpeza étnica e tomada da Palestina, os seus



imóveis e das suas terras. Sheikh Jarrah tinha, na verdade tem, 27 ou 28 famílias que residem ali desde os anos 50, e são exatamente famílias palestinas desalojadas por Israel na grande limpeza étnica massivamente promovida a partir do dia 14 de maio de 48 quando Israel se auto-proclama.

Essas famílias, portanto, são refugiadas em resultado da limpeza étnica para Israel se auto-proclamar e se fazer Estado, e estão novamente sendo desalojadas no mesmo processo que é de: despalestinização de Jerusalém, judaização de Jerusalém, desarabização de Jerusalém, des-cristianização de Jerusalém, desislamização de Jerusalém. Roubar Jerusalém do monoteísmo. E fenômeno dessa manifestação toda ela começa a acontecer entre os palestinos que permanecem em Israel, chamados palestinos de 48, que resistiram à limpeza étnica, perto de 85 por cento dos palestinos que residiam no que hoje é Israel, foram expulsos ou mortos. Destes, 15 por cento, mais ou menos, que sobraram resultam nos atuais 22 por cento, mais ou menos, da população israelense como cidadãos de segunda classe, submetidos a um regime de segregação racial, de Apartheid.

Então essa população passa a reagir também ao Apartheid. Esse é um dado novo. E começa a espriar também essa revolta em outras cidades palestinas ocupadas de 67, a chamada Cisjordânia, e começa a participar pela primeira vez, unidos e filmados e fotografados, e você Isadora, deve ter visto, e todos que estão nos assistindo agora devem ter visto, pela primeira vez colonos extremistas nas ruas gritando morte aos árabes, junto com as forças de ocupação, invadindo a esplanada da mesquita, colocaram fogo uma vez nela, invadindo uma igreja, e numa delas colocaram fogo, agredido violentamente os palestinos, naquilo que pode ser a edição, não que isso não tenha acontecido antes, aos olhos públicos, o grande público internacional, da comunidade internacional, da opinião pública mundial, dos chamados “Pogrom”, quando forças do Estado, com gente, entre aspas, “civil” mas armada, escolhe um alvo civil e ataca, ou roubando ou destruindo a sua infraestrutura e/ou matando, que é o que acontecia com os europeus de fé judaica, portanto eurojudeus, não-semitas, europeus convertidos ao judaísmo a partir do ano 740, a partir do reino de Khazar, mais ou menos na atual Ucrânia, e mais ou menos entre o [Mar] Cáspio e o Mar Negro, entre Turquia e Ucrânia, por ali, os chamados “Pogroms”. E isso tudo foi visto pelo mundo. Israel precisava sair dessas cordas. Israel saiu dessas cordas.

E saiu dessas cordas com o que pediu a Deus. Claro que não pediu a Deus. Até porque quem tem um Deus étnico, porque hoje os Israelenses tem um Deus étnico, que usam para o Apartheid, não é o Deus do monoteísmo, eles tendem à reedição do discursinho de sempre, eles precisam de uma escaramuça pseudo-bélica com Gaza. Primeiro, para dizer que estão em luta contra um grupo, não contra um povo, contra uma nação, contra um projeto de nação. Segundo que não existem Palestina, existe Gaza. Terceiro, que existe uma guerra. Quarto, que existe simetria. Quinto que Israel está sendo atacada... Recuperaram o discurso e ali recuperaram a narrativa, claro que com um grande acordo com o Facebook e outros grandes veículos de publicação, não sem antes, e aqui eu finalizo, ter atacado um prédio, no qual estavam sediados os grandes grupos de comunicação, em Gaza, e lá estava a Al Jazeera isso foi dito aos quatro ventos. Não era o alvo a Al Jazeera. A Al Jazeera, até o mundo mineral sabe que é a maior fábrica de fake News na história humana. O alvo Ali era a Associated Press que mudou a narrativa e começou, pela primeira vez, a fazer uma narrativa mais equilibrada, frente aos crimes de Israel.



Então, esses acontecimentos de agora são de suma importância, seja para provar que Israel, porque pela primeira vez é denunciado Israel com Apartheid, com regime de “Pogroms”. Segundo, porque é uma lição para todos aqueles que querem apoiar a Palestina, e para as diásporas palestinas do mundo, e para o nosso povo que vive a ocupação, e para nosso povo que vive nos campos de refugiados da Palestina, e fora dela, porque 67 por cento da população palestina é de Gaza, é refugiado é de 48, e 23 por cento da população da Cisjordânia é refugiada de ‘48, e o restante está no Líbano, Síria e Jordânia, basicamente, porque também há em outros lugares, também aprenderam uma lição: o que vai colocar Israel nas cordas, e o que vai recuperar a narrativa de Israel. Estou tentando ser o mais sincero possível, a partir da minha percepção, e a partir da minha visão política do assunto. Isso não agrada a todo mundo, essa narrativa. Tem gente que gosta de bater bumbo: os guerreiros de sofá. É cheio de guerreiro de sofá. E esses guerreiros de sofá fazem mais mal para Palestina do que a ocupação sionista.

IS: Bem, Ualid, obrigada por esse panorama importantíssimo da situação atual. Um pouco, vultou um pouquinho, né, claro, para dar um contexto. O chat do YouTube tem várias demonstrações de apoio e solidariedade à Palestina e ao povo palestino.

Tem uma pergunta, que é da professora Tereza Spyer, da UNILA, que diz: “O senhor poderia traçar um panorama breve sobre as estratégias de resistência de exilados, exiladas, palestinos, palestinas, na nossa região, América Latina e Caribe, atualmente?”. Eu aproveitaria, também, se você pudesse articular dentro dessas resistências que você vai mencionar, um pouco sobre como está o movimento BDS [Boycott, Divestment Sanctions], de boicote, sanção e desinvestimento, que eu vejo que é uma das frentes de resistência, mais importantes atualmente, à Israel.

UR: Vou começar pelo final. BDS é tão importante que ele foi o instrumento utilizado pela comunidade internacional, pelos movimentos sociais globais para derrotar uma das coisas mais abjetas que a raça humana já viu, que foi o regime de apartheid na África do Sul. Então, ele é válido. E ele teve amplo apoio da sociedade civil global e depois, claro, das organizações internacionais, dentre elas a ONU [Organização das Nações Unidas]. E resultou do racismo na África do Sul, do regime de Apartheid, uma lei, uma resolução da ONU, que resulta numa licitação internacional, de combate e condenação do Apartheid, em 73, salvo os melhores juízos, essa resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, e que definiu o Apartheid como crime. Então, Apartheid não é mais um regime apenas condenável moralmente. Ele é tipificado como crime de lesa-humanidade. O que dificulta que isso, aí vamos lá, um dos coordenadores globais do Apartheid, do movimento internacional por BDS, boicote, desinvestimento e sanções a Israel, e não só a Israel, às empresas e governos que contribuem com o Apartheid na Palestina, e foi assim que aconteceu com a África do Sul. Artistas globais que tocavam na África do Sul eram objeto do BDS, um deles, salvo melhor juízo, foi Rod Stewart, por exemplo. O que é que dificulta? Dificulta que é muito mal apresentado, muito mal narrado, e também os palestinos neste momento são negros. E aqui não estou fazendo nenhuma ironia. O que de fato ficou gravado que o Apartheid só é possível naquela leitura para a África do Sul. Ele não é passível de percepção para outros lugares do mundo. E o BDS, como ele associa Israel àquilo que Israel é, uma regime de Apartheid, Israel passou a promover uma luta global para deslegitimar e criminalizar os que promovem o BDS. E o BDS é muito curioso, por que ele é um movimento não



bélico, ele é um movimento desarmado, portanto, e ele é um movimento civil, pacífico, não violento. Muito pior que, por exemplo, atacar um país ou coisa que o valha.

E os agentes de Israel, inclusive no Brasil, passaram a adotar iniciativas midiáticas e agora legais. Tem um projeto de lei, agora, no Congresso Nacional, da iniciativa de um deputado de São Paulo, deputado e pastor, desses verdilhões do templo, chamado Roberto de Lucena, criminalizando, basicamente, a narrativa que condena os crimes de Israel, inclusive de Apartheid, e que promovem o BDS. E qual que é a narrativa? A narrativa deles é que isso é antissemitismo e que ao você dizer que Israel promove crimes e condená-los você está condenando um povo inteiro, uma nação inteira. E que você está promovendo, neste caso, veja, invertendo o discurso, racismo, e, no caso, dizem, antissemitismo. Cem por cento dos palestinos são semitas, e apenas Israel é governada por vinte por cento que não são semitas.

Há um trabalho, que eu gostaria de aproveitar para citar, que é de uma pensadora, britânica, salvo melhor juízo, Ella Shohat, foi produzido do inglês para o português por Hélio Melo Filho, e o título é “Por sefarditas em Israel, o sionismo do ponto de vista das vítimas judaicas”. Primeiro que ela diz que há vítimas do sionismo que são judaicas; há judeus, no mundo inteiro, que são contra o sionismo e contra Israel, como regime, inclusive de Apartheid. Essas pessoas não podem ser acusado de antissemitismo nessa lógica dos sionistas. O quê que ela diz? Ela diz o seguinte: hoje em Israel_ ela fala 20, mas são 22 por cento os dados atualizados_ são simplesmente palestinos, palestinos não judeus. Ela diz que cinquenta por cento da população atual de Israel são orientais, basicamente árabes, basicamente árabes, vindos do Marrocos, do Egito, da Tunísia, e de outros países. Então são árabes de fé judaica, esses 100% semitas, um pouco da Índia, um pouco da Turquia, um pouco do Irã. Cinquenta por cento. Isso fecha a conta de setenta e dois por cento de rigorosamente semitas e rigorosamente árabes. Os outros 28 por cento não são árabes. Essa conta dela está errada também, porque quando Israel se autoproclama Estado, com mais ou menos trinta por cento da população da Palestina histórica não-judaica, um terço dela era de palestinos de fé judaica. Esses também são palestinos e, portanto, semitas. Então o que sobra nessa conta? Mais ou menos, vinte por cento de ashkenazis, que são os europeus de fé judaica não-semitas, eurojudeus que patrocinaram o projeto colonial, de limpeza étnica, supremacista e de Apartheid. Portanto, um Apartheid inclusive aos professantes do judaísmo em Israel não-europeus.

E então uma coisa curiosa para finalizar essa narrativa quanto ao BDS, é que Israel diz e seus propagandistas que é antissemitismo, que é um crime de racismo, e que isso não ajuda porque vai prejudicar os israelenses comuns. Só que Israel, bem como os Estados Unidos, promovem todos os tipos de boicotes e sanções, inclusive unilaterais, por exemplo a Cuba. Israel vota, um dos poucos países que vota, na resolução contra o bloqueio de Cuba. São 3 ou 4 países normalmente, às vezes apenas dois, depende do ano, e um sempre é Israel. Israel vota também pelas sanções ilegais e boicote, etc., contra a Coreia do Norte. Contra o Irã, inclusive as sanções unilaterais, porque as da ONU foram levantadas todas, por isso que o Brasil voltou a ter relações plenas com o Irã. Israel defende essas ilegalidades. Israel bloqueia, impede a entrada de medicamentos básicos e de alimentos, até recentemente ele impediu de entrar chocolate e tomate, em Gaza. Então é uma hipocrisia total. Israel além de ser um regime ilegal e imoral, é hipócrita.

E sobre a resistências. Há muitas estratégias. A primeira delas organizar as comunidades palestinas, institucionalizá-las e preservar a língua, as tradições, a cultura, organizar inclusive



grupos culturais de dança, etc. Mas, essencialmente, ocupar os espaços públicos para repor, recolocar, perenizar a narrativa palestina e buscar os aliados. E uma coisa que nós, na FEPAL, estamos fazendo é retirar a solidariedade a Palestina, que é muito importante, de algumas tentativas, erros estratégicos, e erros históricos, de colocar a Palestina em um gueto, a causa palestina num único grupo de solidariedade, num único segmento da sociedade. Nós entendemos que a causa Palestina é uma causa nacional. É uma causa, portanto, de direitos nacionais de todo um povo, é uma causa civil, de direitos civis e humanitários. Portanto, ela não é esquerda e direita, ela não é religiosa, de religião tal ou qual, ela não é necessariamente uma visão ideológica. Ela comporta, para ser solidário a ela, a totalidade dos cidadãos, conquanto não sejam racistas, extremistas, promotores do ódio e da intolerância. Combater, por exemplo, a cultura do ódio e da intolerância, por meio do discurso artificial que promovem a islamofobia é uma forma de defender a causa palestina, porque dela está derivando, dessa promoção da islamofobia está derivando um fenômeno, um sentimento que nunca existiu no Brasil que é de arabofobia e palestinofofia. É fundamental o esclarecimento.

Neste particular nós estamos fazendo, produzindo muitos materiais. Eles estão disponíveis na página do Facebook da Federação Palestina, na de Instagram e do nosso site que é o fepal.com.br, artigos, etc.

E estamos tentando agora recolocar mais fortemente a narrativa palestina, a questão palestina no parlamento brasileiro. E estamos tentando fazer com que alguns acordos estratégicos de cooperação do Brasil com a Palestina sejam ratificados, são 4, para que institucionalmente possa haver acordos. Por exemplo, a UNILA, havendo acordos no campo educacional e cultural com a Palestina é evidente que a UNILA fica muito mais facilitado a ela esses acordos de colaboração, que a gente chama de convênios, etc., com, por exemplo, a Universidade de Birzeit. Então está muito facilitado porque você tem um guarda-chuva legal. Então essas são as maneiras que a gente está buscando, e promover isso tudo. Na verdade são muito mais coisas, apresentei aqui as mais importantes e que estão num guarda-chuva muito grande, por exemplo, da reorganização das mulheres, nós queremos ter um movimento das mulheres palestinas aqui no Brasil muito poderoso; um movimento de juventude, também muito poderoso, foi organizada aqui dentro a partir desse 10º congresso; queremos reunir juristas de origem palestina; profissionais de saúde de origem palestina; profissionais das relações internacionais, das diversas, dos diversos campos das ciências sociais e humanas para, por exemplo, verificar como é que tá o livro didático no Brasil. E isso já está acontecendo em vários países do mundo, no Canadá está sendo feito isso, na Inglaterra tá sendo feito isso. Inclusive um livro didático fortemente pró-Israel, totalmente viciado, sionista, foi feito retirar pelos palestinos e refazer pela solidariedade à Palestina. Isso tudo é papel nosso, nós vamos organizar isso aí.

IS: Bem, muito obrigada. A gente pode ir encaminhando para algumas perguntas finais. Bem, a Yonissa Wadi pergunta, no chat, “que estratégias são possíveis para contrapor, para se contrapor ao discurso de Israel como vítima, como única democracia do Oriente Médio, como modelo de combate a Covid-19, com o país sem homofobia, etc., e que escutamos cotidianamente na grande mídia e que é reproduzida em vários meios de comunicação inclusive, por exemplo, no cinema?”.

UR: A África do Sul se dizia uma democracia. Todos os regimes coloniais se diziam uma democracia e nós temos que demonstrar... É preciso que a narrativa pró-Palestina, a narrativa



palestina seja um pouco mais precisa na hora de demonstrar o Apartheid, demonstrar a limpeza étnica, demonstrar o sistema colonial de Israel, essa é a primeira questão. A segunda questão é provar que não é possível você ter uma democracia com Apartheid. Você não tem democracia para uma parcela da população, com uma outra submetida a Apartheid, e com uma outra submetida a um Apartheid/ ocupação/ limpeza étnica permanente. Você não tem democracia “de-tizando” uma parte da população. Você não tem democracia matando pessoas, porque elas, porventura, que é o caso na verdade, não são de fé judaica. Isso não é democracia. África do Sul dizia que era uma democracia.

Então, esse discurso todo, ele precisa ser desmontado, desmontando mitos. Um deles, por exemplo, e nós precisamos nos habituar ao léxico, é que Israel não foi criado. Houve uma resolução, a 181, da Assembleia Geral das Nações Unidas de 27, 29 de Novembro de 1947, que apenas única e exclusivamente, recomendou a partilha da Palestina. E ela nunca foi implementada. Ela nunca foi implementada porque em dezembro de 47, daí nós podemos citar Lifa, a 28 de dezembro de 47, às portas de Jerusalém, estou falando de dezembro de 47, alguns dias, portanto, depois da resolução, as forças gângsteres e classificadas pelos ingleses como terroristas, bem como pelos Estados Unidos, Haganá, Hysteria, [...], etc., começaram a assediar as localidades palestinas e forçá-las ao terror, ao medo. Lifa, por exemplo, a 28 de dezembro de 47 foi atacada e 8, 7 palestinos foram mortos. Então isso tudo precisa ser demonstrado. Precisa ser demonstrado que não houve guerra Árabe-Israelense. Só para vocês terem uma ideia, vou apresentar aqui alguns números muito precisos. Veja, Israel se autoproclama Estado em 14 de maio de 48 porque naquele mesmo dia meia-noite expiraria o mandato de protetorado colonial outorgado pela antiga Liga das Nações, a Grã-Bretanha, começou esse mandato em 23. Israel se autoproclama Estado em 48, em 15 de maio, era uma sexta-feira, às 16 horas, 14, portanto início do Shabat, do sábado. O Shabat é propriamente o 15 de maio, e por isso nós estamos chamando o Shabat sangrento, Israel inicia limpeza étnica: 771 localidades são invadidos, 531 são destruídas, limpadas etnicamente, 50 massacres, 15 mil mortos e aproximadamente 85 por cento, dos setenta e seis por cento da Palestina tomada, naquele momento para proclamar, e nesse momento a população é expulsa ou morta. É o maior processo de limpeza étnica da história, e o único destinado a faxinar um povo originário e colocar no seu lugar um totalmente estrangeiro, recém chegado. Isso está muito mal narrado por nós. Quando se narra isso adequadamente, você demonstra que esse é um projeto colonial, de assentamento, de limpeza étnica, de assentamento de estrangeiros. África do Sul foi parecida com isso, mas não teve limpeza étnica massiva. Teve “guetização”, e [...] como está na Palestina, sim. Portanto, na Palestina tem mais um requinte do Apartheid idêntico ao África do Sul, mas não teve limpeza étnica tal qual na Palestina, isso precisa ser demonstrado.

Israel, naquele momento, ele começa a limpeza étnica. Portanto, Israel promove uma guerra colonial contra a população palestina civil e desarmada, porque os britânicos a tinham desarmado, entre 36 e 39, na chamada rebelião árabe. E aí, somente 26 de Maio de 48, que forças irregulares e voluntárias, não exércitos de Estados, entram na Palestina para tentar conter a limpeza étnica. E sabe como é que foi isso, Yonissa? Aqui eu vou dar números precisos: 29 mil e 100 homens, sem tanques e sem aviação, desse conjunto de voluntários e irregulares árabes, entram em cena contra esse 29 677 do já definido exército israelense, porque eles já haviam unificado as gangues como tanques, mísseis e aviação, e metralhadoras, 29 677. Em março de



49, com o armistício, nós temos as forças combinadas árabes: 50 mil e 500 homens e as forças do exército israelense, a essa altura, já de ocupação, 117.500. Onde está o Davi e Golias?

Eu diria também que tem outras coisas do discurso colonial que nós precisamos desmontar, por exemplo, que na Palestina, aí entra nesse papo furado da homofobia ou não homofobia... Não há registro na Palestina de perseguição a pessoas por questão de gênero. 64 por cento das universidades, dos bancos escolares, das universidades palestinas, dados do ano passado, está no escritório central de estatísticas palestinas, o Bureau, 64 por cento dos assentos das universidades são ocupados por mulheres, das diversas áreas de concentração do conhecimento, em apenas duas, a maioria são homens, tal qual na esmagadora que são a área de engenharia, as engenharias, e uma outra área que não me recordo agora. E foi isso, na área de negócios as mulheres na universidade palestina são maioria em relação aos homens. Em algumas áreas de conhecimento é 4 para 1. 64 por cento dos bancos escolares são de mulheres.

E tem outro mito que diz, porque não tem como falar de democracia só sem falar de outros mitos, eles disseram que nós não cuidávamos da terra, que nós maltratávamos a terra, e eles fizeram a terra chover nela, porque nós aqui no desolado, desértico, e eles fizeram o deserto florescer. Sem entrar em outros detalhes, eu vou aqui para ciência pura, para os dados pluviométricos. De 2010 até mais ou menos agora, a média anual de chuva na Palestina é a precipitação média anual é de 476 e 44 mm. Só para vocês terem uma ideia, Londres que é considerada uma cidade chuvosa tem 690. Santiago, capital do Chile, 517. Los Angeles, uma espécie de Meca de autoproclamado ocidente, 357. Madrid, 415. Lisboa, 591. E eu paro por aqui. Em alguns anos, eu vou citar por exemplo aqui, o ano de 2012 e 2013 a precipitação pluviométrica média na Palestina foi 584. A de 2012, 561, a de 2015, 527, a de 2016, 524. Em algumas regiões, por exemplo, em Ramallah, que a capital, é a Sede Administrativa do governo palestino, chegou até precipitação pluviométrica média de 860.8, em 2013. Onde está o deserto?

Israel vive de mitos e mentiras. Dizer que há democracia sob Apartheid, promovendo Apartheid, é mais uma mentira apenas. Então eu acho, falando muito sinceramente, e humildemente, que eu acho que nós temos um defeito de narrativa e que precisa aos poucos ser lapidado ou, pelo menos, ser aumentado a sua intensidade. Porque, na verdade, as complicações da OLP sempre apresentaram esses dados, esses elementos de narrativa e sempre contraditaram, adequadamente, os mitos sionistas e israelenses. Entretanto, de um tempo para cá, a narrativa do movimento nacional palestino perdeu força e foi atomizada a narrativa palestina por guerreiro de sofá, em algumas ONGs que atomizaram o debate. E nós precisamos re-centralizar o debate, re-palestinizar o debate. Os palestinos precisam, e seus descendentes, de pegar esse bastão e assumir inclusive uma construção nova da institucionalidade palestina. Nós estamos chamando de palestinidade. O termo está sendo muito bem aceito, inaugurado aqui no Brasil. Não sei se com isso eu respondo, mas é a maneira que eu encontro de ser útil, né.

IS: Bem, obrigada, Ualid. Eu acho que em relação a todas as opressões que ocorrem na Palestina, a gente tem que pensar que é muito comum que o Ocidente utilize os direitos das mulheres, das pessoas LGBT para poder usurpar as terras e os direitos de povos originais não é mesmo?! E é importante, muito importante lembrar, é essencial que nenhuma opressão e nenhum preconceito que possa existir na Palestina vai mudar antes que acabe a ocupação colonial. Que é importante lembrar que é a ocupação colonial mais longa do século 20 e a mais bem-sucedida ocupação colonial europeia no Oriente Médio, que vem sendo feita desde as Cruzadas.



Então a gente está falando de uma ocupação colonial que tem uma tecnologia acumulada de séculos e, portanto, vem sendo muita bem-sucedida, principalmente midiaticamente que é onde eu, eu como além de parte da diáspora, estudiosa e pesquisadora da Palestina, eu acho que é onde a gente precisa contrapor, e a informação é uma das nossas armas mais importantes. Porque como a gente tem uma disseminação muito grande e uma ocupação muito grande das redes sociais pela própria juventude palestina, eu acho que a gente conseguiu informar e virar bastante o jogo que chegou nesse ato de solidariedade que a gente viu em maio, que ter processos massivos em lugares muito sionistas, como por exemplo Washington, e nos Estados Unidos. Então achei, eu acho, muito importante lembrar desses pontos. Bem, falando agora...

UR: Você sabe, Isadora, que eu até vi em algumas publicações, tudo isso que você está dizendo, que é fundamental, eu só achei uma coisa... Eu não sei por quê que isso aconteceu, talvez tenha sido uma falha num primeiro momento e depois a primeira coisa que é feita, ela passa a ser replicada, e às vezes ela é replicada acriticamente, sem olhar o detalhe. Para meu juízo, a mais fantástica manifestação pró-Palestina, pelo seu significado, pela sua importância estratégica, e por ser uma espécie de Meca sionista da narrativa, da produção, etc., foi a manifestação pró-Palestina em Los Angeles. Foi uma coisa, na minha opinião, emblemática. Assim como a narrativa israelense começa a ser quebrado aos poucos, e uma grande fissura na quebra do monopólio da narrativa sionista, inclusive acadêmica, no meio acadêmico, com Gaza 2008 e 2009, na minha opinião, Los Angeles é uma coisa a ser observada. O que aconteceu em Los Angeles é uma coisa a ser observada, ponderada e estudada. Há uma quebra de paradigma, há uma quebra de narrativa, há um reservatório desse estrume de narrativa sionista que foi quebrado aí.

IS: Muito bem. Eu acho que nessa mesma direção que a gente está indo a última pergunta mesmo, além dos diversos comentários que de apoio à causa e parabenizando o nosso debate, foi feito pelo João Batista que pergunta qual que é a atual realidade da política da comunidade internacional diante da usurpação israelense na Palestina. Eu acho que a gente já contemplou diversos pontos aqui durante a conversa, se você tiver mais algum comentário nesse sentido, por favor.

UR: Bom, João Batista, é de condenação, porque se Israel realmente não tivesse com alguns freios ela não estaria... porque diferentemente do que se imagina, os palestinos estão ali ainda na Palestina. Só para você ter uma ideia, de acordo com os últimos dados demográficos divulgados pela Autoridade Palestina, pelo governo palestino, na Palestina histórica, ou seja, naqueles quase 28 mil km quadrados, nos quais Israel, reconhecida tal qual hoje em dia é Cisjordânia e Gaza, nós temos 200 mil palestinos a mais do que judeus, já que Israel se autoproclama o Estado judeu. Então, considerando aqueles 22 por cento da população israelense e palestina, considerando a população da Cisjordânia e considerando a população de Gaza, nós os superamos em 200 mil. Isso porque eles fazem imigração ilegal, eles importam gente num suposto, falso, direito de retorno: é por isso que eles precisam provocar um mito, lá detrás, de que houve uma diáspora. É engraçado ter havido uma diáspora e ter havido guerra contra os romanos até o ano 200. A guerra legada. Ter havido [...], então como é que teve essa diáspora? Essa diáspora não existe, é um mito. O que há, de fato, na Palestina é a quase desaparecimento do judaísmo por conversões. Então assim, só para nós termos uma ideia do quê que é lá, né? Daí eu volto a fazer uma digressão, para voltar.

Vamos pegar o pai do monoteísmo: Abraão. Abraão, do ponto de vista étnico, ele é caldeu. Vamos pegar a família do Herodes, tanto de Herodes, o grande, quanto de Herodes Antipas, Herodes, o Grande, que teria construído o Segundo Templo, e aquele que reivindicam a partir das suas muralhas para destruir as igrejas que estão ali, destruir a Esplanada das Mesquitas para restaurar esse tempo mítico, ele era idumeu convertido ao judaísmo, até a sua família convertida ao judaísmo quando de Herodes, o Grande, para agradar aos romanos, que já tinham feito uma aliança com as elites do Templo de Jerusalém, com Saduceus e Fariseus. Então veja, a família de Herodes se converte ao judaísmo para agradar aos romanos para poder ser da elite aliada a Roma, contra o povo palestino daquele momento. Está no velho testamento, não precisa ir na história, não precisa ir para teologia, nada, está no velho testamento. É convertido. Então essa é a prova de que aquele povo, sempre foi povo, num determinado momento, minoritariamente, se converteu ao judaísmo, e depois disso se converteu a outras fés.

Eu, por exemplo, pode ser que parte dos meus ancestrais lá na época de Roma tenham adotado o judaísmo. Antes disso, eles tinham uma outra fé religiosa, depois se converteram ao cristianismo e, finalmente, se converteram, ao Islamismo. Vamos fabricar essa hipótese. Eu não tenho direito a entrar na Palestina. Entretanto, o João Batista, se ele se converteu ao judaísmo, hoje ele tem direito de retorno. Mas que retorno é esse? Ou seja, este mito do retorno justifica essa imigração massiva que eu estava explicando. Então mesmo com a imigração e tudo, isso quer dizer que o projeto sionista falhou, porque em 48, e antes disso, o plano deles era varrer integralmente a Palestina do rio ao mar, por isso que eles não aceitaram a resolução 181. Tanto não aceitaram que no plano do terreno iniciaram uma limpeza étnica, se autoproclamaram sem uma decisão da comunidade internacional, e não aceitaram o retorno dos refugiados. Israel é admitido como o 56º estado-membro da ONU em 49. Se tivesse sido criado em 47 não teria sido Estado-membro imediatamente? Em 49, depois que a ONU recebeu os relatórios do Conde Folke Bernadotte, que foi assassinado por um bando comandado por Isaac Shamir, que depois veio a ser primeiro-ministro, o relatório do Conde Folke Bernadotte, enviado especial da ONU, um sueco, que informou que houve limpeza étnica e que havia refugiados e que eles tinham direito ao retorno. A ONU aprovou, em dezembro de 48, a resolução 94 do direito do retorno dos palestinos, a mesma ONU que aprovou a possibilidade de partilha da Palestina, e que Israel invoca como a sua criação. Em março de 49, Israel é admitido como Estado e é neste momento que Israel é admitido com cláusula condicionante, único Estado, Isadora, admitido com cláusula condicionante. Qual era aquela cláusula condicionante? Acatamento e implementação da resolução 94 que não foi implementado até agora, portanto é ilegal sob esse aspecto também, por tanto é um fracasso de Israel.

Israel, além do mais, se autoproclama Estado desconsiderando até mesmo a pseudo-legalidade colonial da declaração Balfour, de dezembro de 1917. O quê que disse a resolução Balfour? A resolução Balfour em 67 palavras prometeu a Palestina como lar nacional judeu. Pensa essa promessa aos europeus de fé judaica, não aos judeus palestinos, aos palestinos de fé judaica. Portanto, era um projeto colonial. Prometeu que promoveria para os europeus judeus um acoplamento ao seu projeto colonial de dominação daquela região e da Palestina. Entretanto, ela ressalvou, ela não deu direitos nacionais aos originários, ao povo nativo, ela ressalvou que os seus direitos civis e humanitários não seriam alterados. Israel limpou etnicamente. Portanto, ferir os direitos de propriedade que são civis e humanitários, os expulsou portanto também feriu

direito civil e humanitário, portanto feriu até mesmo a legislação colonial porque foi admitida no mandato, como parte do mandato pela antiga Liga das Nações e isso tornou aquilo um título legal. Então essas coisas todas indicam a derrota.

E eu vou dar a última derrota do projeto sionista. O projeto sionista, você sabe, ele criou uma agência colonial, que se chamava colonial, de colonização da Palestina, que era a Agência Judaica. E criou o Fundo Nacional judaico, que depois foi camuflado dentro do Banco Anglo-Palestino, inventado pelos ingleses, para meter ali os dinheiros para colonizar a Palestina, porque a partir desse dinheiro eles comprariam terras na Palestina. E eles diziam que a Palestina era uma terra sem povo. [...] E aí, eles chegam na Palestina, o mandato britânico, faz um senso em 22. E o quê que disse esse senso? Que a Palestina tinha, vamos prestar atenção nesse número, que a Palestina tinha 28.7 habitantes por quilômetro quadrado. Isso é fantástico porque o Brasil, nesta mesma época não tinha 4, e a China que já era o país mais populoso do mundo não tinha 40. Quer dizer que a Palestina tinha povo.

Então eles começam a colonizar, precisam portanto, retirar terra dessa gente e, nas palavras do autor do Estado judeu e principal liderança sionista Teodoro Herz, “nós precisamos expulsar discretamente para além das fronteiras da Palestina prometida a população nativa, lhe negando empregos, etc., etc., e lhe tomando a terra”, mas eles queriam comprar essa terra. E nesse momento, quando chega em 47 eles tinham, dos 3 por cento do território na mão de judeus em 22, eles alcançam 6, e dos 11, 10 a 11 por cento de população palestina de fé judaica, com toda a imigração de europeus de fé judaica, ele chegam a 30 por cento, no máximo. O que eles tinham planejado nesse processo colonial em seu mandato britânico? Limpar a Palestina e ter toda a terra. Então, a empresa colonial e o dinheiro colonial são o maior fracasso empresarial da história humana. Eles não conseguiram, eles precisaram promover um processo de limpeza étnica genocida para atender ao primado de que eles fariam a Palestina sem povo, só que eles queriam fazer ela no empreendimento colonial, na cabeça deles colonialmente racional. E eles não conseguiram.

E eles não estão conseguindo agora. Os refugiados continuam sendo refugiados e querendo o retorno depois de 70 e poucos anos. Estamos agora no 74º ano da Nakba, da tragédia Palestina. A catástrofe. Os palestinos que estão sob o governo israelense, continuam se dizendo palestinos e querem falar o árabe e querem ensinar Nakba nas escolas. Eu nasci aqui, me sinto palestino de pai e mãe, você é neta, e tá me questionando. Daqui a pouco você vai dizer que você não tá falando tudo. Sua mãe, filha como eu, a mesma coisa. Então, veja, o projeto sionista é um fracasso. Há uma vitória palestina a ser percebida. O movimento nacional palestino teve uma estratégia exitosa. Israel está tendo que provar que não é regime de Apartheid, está tendo que provar que não promoveu limpeza étnica, está tendo que provar que é o estado democrático, está tendo que lutar contra o BDS. A única vitória que nós não alcançamos ainda, e a única que garante que o projeto sionista permaneça como um projeto colonial em andamento na Palestina, é o veto estadunidense.

Coloquemos na cabeça que não é estratégia, não é inteligência, não é nada. Nós, em doutorados e pós-doutorados, superamos essa gangue sionista na Palestina. Não é inteligência, não é humanidade, a mais ou a menos. Eles têm o veto estadunidense, eles têm as armas estadunidenses, eles massacraram a população civil de Gaza agora, novamente, e os Estados Unidos, imediatamente, repôs os 750 milhões de dólares em armas e munições que são estadunidenses, eles



nem fabricam. Os [aviões caça a jato polivalente] F-16 que nos matam são estadunidenses, os mísseis lançados deles são estadunidenses, a cúpula de ferro é sob fabricação em conjunto com os israelenses, os submarinos que são estadunidenses, os submarinos que os israelenses dizem que têm, eles só têm a carcaça, todo equipamento sensível é da Siemens alemã. Não existe Israel como projeto de nação civilizada, como tecnologia. Eles vendem “arapongagem” e falsificações. A vacinação: a vacina não era deles, a vacina Pfizer, eles compraram e não pagaram. A Pfizer acusou eles, mundialmente, por não terem pago, dado o calote. Venceu, a metade das vacinas jogaram fora, eles vacinaram só metade da população, está aprovada agora, o Covid voltou agora. O quê que nós estamos falando, Isadora? Não estou questionando você, estou um pouco entusiasmado. Nós precisamos ter a nossa narrativa. Israel é uma mentira.

Queremos finalmente acabar com Israel, com o povo israelense? Não. Porque tem muitas coisas que se negocia. Você negocia a paz, você negocia o fim do Apartheid, na África do Sul foi assim, você negocia um processo de reconciliação nacional, você negocia um projeto econômico inclusivo, você pega o retorno dos refugiados, você negocia a restituição, você negocia indenizações, você negocia um novo pacto civilizatório para Palestina histórica e todos os que estão ali continuam sem problema nenhum. Isso foi feito na África do Sul, você repactua a ocupação do solo, porque a limpeza étnica da Palestina significou a tomada de um estado inteiro, significou a tomada de um PIB inteiro, de um povo. A limpeza étnica não é pouca coisa. Além da expulsão e da morte das pessoas, você tomou escolas e colocou colonos ali dentro. Você tomou propriedades que produziam, agrícolas e não-agrícolas, comerciais, industriais, você roubou todo o produto daquele palestino que estava na loja dele e você vendeu e lucrou com ela. Ou seja, até mesmo o PIB israelense para dar a largada foi o PIB roubado dos palestinos. Isso que está sendo colocado. Israel é um fracasso.

Mas nós, eu volto a dizer, e aqui eu finalizo, nós queremos o processo de paz, justo dentro da legalidade internacional e da legitimidade. Nós queremos um processo de paz em que todos os direitos nacionais, civis e humanitários dos palestinos sejam restituídos e respeitados. Nós queremos que todos os israelenses sejam, tal qual nós, livres do Apartheid e de defendê-lo, porque eles tem que defender o Apartheid; que eles sejam livres de um projeto colonial que tem que defender e nós livres de ser as vítimas do projeto colonial; nós queremos que todos os israelenses vivam em paz e segurança, como o cada palestino; prósperos, como cada palestino; em democracia, como cada palestino.

Nós criamos uma Palestina em que todos possam ser cidadãos plenos. Isso só com a legalidade internacional, com o fim do Apartheid, o fim da ocupação. E o processo de paz é isso. Fora disso é colonialismo, e é disso que nós estamos falando.

IS: Muito obrigada, Ualid, por nos dar tanta informação que algumas para mim, inclusive, são novas, que às vezes a gente acaba entrando em alguns mitos israelenses, sem a gente perceber sionistas mesmo. Realmente que a ONU criou um Estado, né? Quando na verdade não foi isso o que aconteceu.

Bem, eu acho que para encerrar, é importante que a gente faça uma conexão com a América Latina que é da onde a gente fala, que é desde a UNILA, que a gente pensa na América Latina o tempo todo. E eu acredito que a luta Palestina está diretamente ligada à luta latino-americana, pois é uma luta de um povo originário usurpado, que está acontecendo agora, de frente a nossos

olhos e todos que lutam e que se apoiam, qualquer luta deve apoiar a luta Palestina, e a luta dos povos originários, porque é grande parte dos nossos problemas se dão devido ao colonialismo e imperialismo que pode estar de fato acontecendo agora como acontece na Palestina, ou pode estar acontecendo nas nossas instituições, na nossa própria mente, nas nossas ideias, nas nossas opiniões. Então, eu acredito firmemente, que a Palestina, a causa Palestina, é que divide aqueles que são verdadeiramente a favor do direito, a favor da justiça e lutam contra as injustiças da humanidade. E aí que eu acho que se dividem quem apoia à causa Palestina, e eu gosto de falar que é a última fronteira, né, dos direitos dos povos.

Inclusive eu acho que a gente deveria chamar atenção para a luta dos povos originários que está acontecendo hoje, no Brasil, agora, pelo marco temporal, e são as lutas dos povos originários que estão conectadas. E quando um vence, todos vencem. Então é isso, eu acho que a gente, desde a UNILA, desde o Brasil, desde toda América Latina, creio que posso ter companheiros de todos os campos nos escutando agora é que preste atenção e estejam atentos sempre. Palestina livre, do rio ao mar, e passo para o Ualid para se despedir, e finalizar.

UR: E bom. Eu agradeço mais uma vez, a todos e todas, a UNILA, aos que estão conosco, nesta sala especialmente. E duas coisas eu diria para finalizar. Uma delas é que a solidariedade com a Palestina é essencial. Ela é muito importante. E além, claro, da luta do povo palestino, foi ela que fez que a causa palestina, a questão palestina chegasse até os dias de hoje, apesar de uma grande guerra mundial detonada contra os palestinos, que larga em 47-48, União Soviética e Estados Unidos se reuniram contra a Palestina, contra o povo palestino, algumas centenas de milhares, é perto de um milhão e meio, e camponeses desarmados. Que nós temos chegado até aqui, com tudo isso que se colocou contra nós, enquanto povo, significa dizer que o imperialismo pode ser derrotado, mesmo na sua faceta mais brutal e isso faz com que o diga para todos e todas: não desanimem, se nós chegamos até aqui, qualquer um pode vencer o imperialismo. Com certeza, absoluta. O Arafat dizia que a diáspora palestina é uma reserva estratégica da luta palestina. Então eu apelo às diásporas nossas, especialmente a brasileira, que compreendam isso. Nós somos uma reserva estratégica, fundamental em um país grande como o Brasil, mais importante ainda. Essa diáspora, quanto mais importante na cena geopolítica o seu país, maior a importância da sua comunidade neste país. Nós somos patriotas aqui, patriotas portanto para lá, como dizia o senhor Arafat.

E para finalizar, e mais uma vez recuperando Arafat, neste caso para agradecer a UNILA, a todos os que estão conosco. Arafat quando saía do Líbano em 82 com as suas forças em direção naquele momento a Grécia e depois definiram seria Tunísia, se voltou para as costas de Beirute, e em reconhecimento à luta do povo libanês com as forças e a resistência palestina, proferiu a seguinte frase, que na minha opinião, é a forma mais bela, em todos os tempos, de agradecer especialmente a um povo amigo: “Ó, honra prostra-te diante de Beirute”. Eu digo a mesma coisa a UNILA, a você Isadora, e a todos que, obviamente, permitiram esse momento que nós estamos nele agora, e a todos aqueles que nos assistem, a todos aqueles que estão com a Palestina, e acesse as nossas mídias, as mídias da FEPAL, a Federação Palestina do Brasil, no Facebook, e no Instagram, bem como nosso site que é fepal.com.br e lá vocês vão encontrar muita coisa. Nos ajudem a divulgar essas coisas, é assim dentre outras coisas, que se faz, essa resistência. E, quando puder, visitem a Palestina porque ocupação, Apartheid, racismo, limpeza étnica, muro do Apartheid, confisco de terras, opressão, prisão, morte, isso não são só palavras.



Isso estão na realidade palestina e você precisa ver isso, além de ver a Palestina histórica, bonita, com a melhor comida do mundo, barata, receptividade a mais magnífica do mundo, hotelaria fantástica e barata, onde está a história da civilização de cada um de nós e a história do mono-teísmo, portanto, da espiritualidade de cada um de nós. Todo mundo deveria ser obrigado a, pelo menos, tentar visitar a Palestina. Visitem a Palestina.

IS: Obrigada Ualid, e obrigada a todo mundo que nos acompanha até agora. Vou convidar quem tá aí no chat, que está nos assistindo a curtir, a se inscrever ao canal da revista, a conferir também as redes sociais para ficar sabendo das próximas conferências e acompanhar a revista que vai estar sempre promovendo esses debates importantíssimos para a gente. Muito obrigada boa noite, e fechamos a nossa transmissão. Tchou, tchau!